

# O CANGAÇO NA BAHIA: A INCIDÊNCIA HISTÓRICA DESSE FENÔMENO EM PAULO AFONSO – BA

Rubervânio Rubinho Lima\*

## Introdução

Esta pesquisa, guiada pela perspectiva ampla dos estudos histórico-culturais, procura avaliar o estado de agregação dos acontecimentos históricos relacionados ao cangaço na Bahia, tomando como foco a cidade de Paulo Afonso, no âmbito dos fatores que circundam a recuperação da história das origens da cidade, através da valorização da memória. Fazendo um contraponto entre as inúmeras manifestações históricas que aparecem na cidade, tomando como base os indícios de que os cangaceiros, de certa forma, conseguiram com que o progresso caminhasse no sertão e, levando em consideração que a cidade de Paulo Afonso traz um potencial histórico que vem sendo explorado, através da temática do cangaço.

A intenção é evidenciar a parte histórica relacionada aos diversos acontecimentos, no período em que Lampião e seus bandos percorriam pelo sertão baiano, mais precisamente pela jovem cidade, que foi palco de inúmeras histórias e ajudou a engrossar as fileiras do cangaço com muitos cangaceiros e cangaceiras, a exemplo da pauloafonsina Maria Bonita, que decidiu, num ato de amor e coragem, seguir Lampião até o fim da vida. Desse modo, há, na cidade,

---

\* Representante territorial de cultura do Território da Cidadania Itaparica BA/PE. Formado em Letras – Inglês e Português pela Faculdade Sete de Setembro – FASETE, com Especialização em Estudos Literários na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, e Especialização em Gestão Cultural pelo Serviço Nacional do Comércio (SENAC/EAD), escritor, pesquisador e membro da SBEC – Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço. Bolsista da UNEB Campus VIII – OPARÁ – Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação. E-mail: rubinholim@gmail.com

uma busca visível pela definição histórico-cultural e pela identidade, para que, com isso, Paulo Afonso descubra-se, desperte e se afirme culturalmente.

Este capítulo surgiu da feliz constatação do potencial histórico e cultural da cidade de Paulo Afonso, no interior da Bahia, que hoje anda junto com o potencial turístico, ecológico e energético, já tão explorados na região. Contando com 57 anos de idade, completados no dia 28 de Julho do ano de 2015 (coincidentemente também, data em que, no ano de 1938, é dado fim à vida de Lampião e Maria Bonita) a cidade, que antes era um povoado bem pequeno, pertencente à antiga Santo Antonio da Glória, hoje Glória, se destaca pelo seu potencial energético, através de uma companhia hidroelétrica, e também pelo privilégio de estar localizada às margens do Rio São Francisco, fazendo então divisa com os estados de Alagoas, Sergipe e Pernambuco.

Na tentativa de unir passado e presente, o trabalho trata de alguns acontecimentos regionais em paralelo com manifestações artísticas e com estudos, a fim de divulgar a cultura nordestina,

sobretudo, procurando apontar a cidade como berço cultural, encubando artistas e pesquisadores que utilizam a temática do cangaço como inspiração. Com este trabalho, há uma busca pela valorização da história local, partindo da observação da entrada de Lampião ao estado da Bahia, na década de 20, como forma de avaliar o valor histórico da passagem do cangaço pelas terras baianas e para favorecer espaços de fixação da memória coletiva e promover questões culturais existentes ou em fase de concretização, através do estudo desse fenômeno.

Paulo Afonso, em detrimento de suas belezas naturais e de sua belíssima cachoeira, a qual já serviu de inspiração para o poeta baiano Castro Alves, possui hoje lugar de destaque no turismo ecológico, esportes radicais e, atrelando-se a esse cenário, também o turismo do cangaço, que atualmente tem ganhado força e despertado pesquisadores, artistas e estudantes em geral para essa forma de ressignificação da memória da cidade.

Além de todos os rumos culturais, agregados aos

trabalhadores que vieram de vários lugares do Brasil e trouxeram de suas origens, na construção das usinas de geração de energia, há também algumas manifestações culturais e fatores históricos que são uma forma de alicerçar a cultura da cidade, tais como os festejos nordestinos e a história forte do cangaço, presentes nas terras pauloafonsinas.

Com isso, esse estudo pretenderá percorrer pelos rumos da história, através de um estudo aprofundado nos livros de pesquisadores do tema e da busca por relatos de ex-cangaceiros ou personagens que ainda vivem e que tiveram relação com essas parcelas da história.

O cangaço, através de seu representante mais significativo, Virgolino Ferreira da Silva, o Lampião, também teve como cenário a cidade de Paulo Afonso, de modo que, de acordo com estudos, podemos constatar que, a cada dia, o cangaço tem se firmado como algo capaz de movimentar o turismo e a história dessa cidade, no interior baiano.

### **Um Pouco da História**

Situada no interior da Bahia, estando em uma região privilegiada, com cânions, cachoeiras e belezas naturais invejáveis, Paulo Afonso tem laços territoriais com os municípios baianos de Nova Glória, Jeremoabo e Santa Brígida. Paulo Afonso localiza-se na margem direita do Rio São Francisco, na porção submédica. Do outro lado do rio, carinhosamente também chamado “Velho Chico”, estão os estados de Alagoas, Sergipe e Pernambuco. A área de Paulo Afonso é de 1.018 km<sup>2</sup>, e sua sede dista 480km de Salvador. O município está compreendido na Região do Semi-árido e toda sua área está incluída no polígono das secas.

A cidade de Paulo Afonso, justamente pela forma como foi originada, através da construção das usinas da CHESF – Companhia Hidroelétrica do São Francisco, não possui uma composição de elementos que sinalizam a cultura local definida e isso é um dos objetivos desse estudo, o de percorrer pelas evidências históricas e pela memória coletiva do lugar em busca de conhecer alguns elementos que podem dizer que a cidade esteve inserida no hall das que serviram de cenário para o fenômeno do cangaço.

Entretanto, para que essa pesquisa possa ter uma fagulha inicial, percebe-se que há uma movimentação muito forte, em se tratando da questão das origens de alguns dos personagens mais marcantes no período em que, no nordeste, com a influência de vários fatores e de acordo com o contexto social em que os sertanejos se encontravam na época, pelo cangaço, que aponta uma certa apropriação dessa temática que é polêmica até os dias de hoje, no que pesquisadores e artistas, de um modo geral, se inspiram em partículas históricas e o cangaço aparece também como um tema em que a arte e o estudo se debruçam, nos dias atuais.

O marco inicial dessa pesquisa é a travessia de Lampião e outros sicários, para o estado da Bahia, nas águas do São Francisco, no dia 21 de agosto de 1928. Em 2015 completaram-se 87 anos que o “Rei do Cangaço”, com mais cinco cangaceiros, vindo do estado de Pernambuco, atravessaram o Rio São Francisco e se instalaram na Bahia, passando a atuarem, em suas ações de bandidos das caatingas nesse estado. Contudo, esse período, que compreendem há dez anos, até a

ocasião da morte do representante maior, em 1938, também reserva muita magia, pois foi um tempo em que as mulheres passaram a acompanhar seus companheiros cangaceiros, as indumentárias e objetos foram ganhando retoques, detalhes, arranjos florais, enfeites de ouro, moedas e jóias e a ostentação passou a ser mais eminente.

É uma retomada do cenário fantástico dos cangaceiros, repleto de riquezas, ouro, cores, ornamentos e ostentação nas suas roupas, armas, chapéus, através da observação de objetos e de fotos que mostram a beleza e magia desse ambiente, através das artes e ornamentos, bem como toda a magia que circunda o fenômeno do cangaço, na análise de muitos desses artigos, hoje encontrados em posse de pesquisadores da região.

De acordo com o pesquisador e escritor João de Sousa Lima (LIMA, 2003, p. 16), Paulo Afonso serviu como uma das cidades que mais forneceu cangaceiros para os grupos, tomando a coroa da cidade de Poço Redondo, Estado de Sergipe, que ficou conhecida como a capital do cangaço, por ter visto 28 filhos da terra seguirem Lampião e seus

subgrupos. Em suas descobertas para a confecção do livro “Lampião em Paulo Afonso”, João de Sousa constatou e enumerou 31 cangaceiros e cangaceiras oriundos da cidade de Paulo Afonso. Além disso, o autor ainda traz mais 15 outros, pertencentes ao povoado chamado Brejo do Burgo, que, mesmo pertencendo à Glória, faz divisa ainda com Paulo Afonso e sempre fez parte do arraial conhecido como Tapera de Paulo Afonso, que somados aos trinta e um cangaceiros pertencentes à cidade pauloafonsina, somaria um total de 46 bandidos dessa região.

A exemplo, a figura mais importante, a mulher que conquistou o coração do Rei das caatingas, a Maria Gomes de Oliveira, que ficou imortalizada como Maria Bonita, nasceu no povoado Malhada da Caiçara, hoje pertencente à cidade, em 17 de janeiro 1910 (Conforme aponta o pesquisador Voldi Ribeiro, através de sua mais nova descoberta, de um registro de batismo atribuído à personagem nessa data, o que vai de encontro à informação de que a cangaceira teria nascido no dia 08 de Março de 1911). Na década de 30, com a entrada de Maria Bonita para

o cangaço, muitos outros cangaceiros seguiram o exemplo de Lampião, também passaram a ter mulheres ao seu lado, o que mudou completamente o comportamento dos bandidos. Essa entrada de mulheres no bando teve algumas conseqüências, como mais respeito, por parte dos homens, às famílias e a preocupação constante com o bem estar e segurança dessas companheiras, retirando-as da zona de combate sempre que possível (AMAURY; FERREIRA, 1999, p. 193 e 194).

As mulheres não participavam dos combates e só portavam revólveres de calibre 32. A função dessas mulheres, no cangaço, era estritamente a de companheiras, pois todos os afazeres necessários de convívio e sobrevivência, como cozinhar, arrumar tendas e acampamento, costurar, eram dos homens.

Essas cangaceiras ostentavam riquezas e possuíam muitas jóias, muito ouro e vestidos de seda que eram usados em ocasiões especiais. Constatamos também que, naquela época, diante de tais condições as que viviam os sertanejos, oprimidos pela seca, pobreza e descaso de

autoridades, a “profissão” do cangaço despertava, nas moças, certo fetiche e fascínio, de modo que muitas desejavam seguir esses caminhos, ao lado dos cangaceiros.

Hoje, transcorridas quase 8 décadas da morte de Lampião, constatamos um intenso movimento de apropriação e glorificação do nome desse bandido, tanto pelos cordelistas e poetas, que aparecem como o primeiro suporte para a cultural do cangaço.

Ainda, relacionado à história do cangaço, surgem os museus do cangaço, espalhados por vários lugares onde o cangaço teve algum indício, cujas finalidades são o subsídio para pesquisadores e turistas que se interessam por essa temática, sendo uma ferramenta para aqueles que pretendem pesquisar, conhecer a fundo e coletar, registrar e colher elementos para reconstrução desse período e fenômeno em questão. Além disso, esses espaços apontam uma visível preocupação com o conhecimento e divulgação da história da cidade em que há indícios da passagem de cangaceiros, em busca de promoverem debate sobre a história e sobre a memória do cangaço.

mitificação de Lampião e para a construção da memória coletiva do cangaço, como também nas cidades em que o Rei do Cangaço se fez presente, com seus bandos, através de grupos ativos de pesquisadores que propõem o cangaço, não só com a tão batida indagação sobre bandido ou heróis, mas como um novo sentido, privando pelas questões históricas, pela identidade e pelo caráter

Maria Bonita, como ficou conhecida logo após sua morte, deixou seu nome gravado, desde seu nascimento no município de Paulo Afonso, Malhada da Caiçara, passando por sua decisão de seguir seu amor verdadeiro, o Rei do cangaço, na década de 30, até ao seu fim trágico, no ano de 1938, na fazenda Grota do Angico, quando, juntamente com Lampião e mais nove cangaceiros, foi morta.

Mas como sabemos, a sua fama se expandiu, rumou para inúmeros lados do mundo, fazendo-a, mesmo após tantos anos de sua morte, uma das figuras brasileiras mais lembrada e pesquisada, junto ao seu amor eterno, o bandido-herói Virgolino Lampião.

Além das manifestações relacionadas ao cangaço na cidade, há uma outra rota cultural que é a visita a então restaurada Casa de Maria Bonita, onde, a partir da iniciativa de pesquisadores como João de Sousa Lima, Luiz Rubem e Juracy Marques, e com o apoio da prefeitura da cidade, foi reerguida, sendo construída conforme era no passado, no tempo em que a cangaceira nasceu e vivia na companhia de seus pais, passando a ser hoje um museu natural. Nessa casa restaurada, podemos encontrar alguns objetos que retratam o viver daqueles tempos e também algumas fotos dos cangaceiros. A reforma e estruturação desse museu natural, além de ativar o turismo do cangaço e propor novas opções de subsistência para os moradores do povoado Malhada da Caiçara, alguns até parentes diretos da Rainha do Cangaço, ainda motivou a construção de uma cartilha e de um documentário sobre a antiga morada de Maria do Capitão, antes de entrar para o cangaço.

Com relação a os aspectos históricos, a cidade de Paulo Afonso, nos últimos tempos, tem sido palco de eventos cuja temática é Lampião,

cangaceiros da região e, mais recentemente, a cangaceira Maria Bonita, que foi tema de três seminários consecutivos, a partir do ano de 2009 ao ano 2011 sobre o centenário de seu nascimento. A partir do primeiro evento, que aconteceu no mês de março de 2009 e contou com participantes de vários lugares, sendo seqüenciado pelos dois anos seguintes, contabilizando três eventos com a mesma temática. Esses eventos, além de movimentarem estudiosos e interessados pelo tema, ainda possibilitou a firmação da cidade como mais um espaço que compõe a história do cangaço. O mais recente, acontecido em março de 2011, contou com a presença de pesquisadores e historiadores relacionados ao tema e teve resultados que superaram o esperado, tendo as três noites do evento, em que aconteciam as palestras, todas com público vasto, além de promover mesas de debates pertinentes à vida da cangaceira mais famosa e receber visitas de alunos de escolas públicas e privadas para a exposição com fotos e objetos do cangaço e também para a apreciação de vídeos sobre o tema.



São presenças constantes, nesses eventos, personalidades que fizeram parte desse contexto, como o caso da ex-cangaceira Aristéia, que residia nas proximidades de Paulo Afonso, falecida recentemente com 98 anos e os filhos dos ex-cangaceiros Durvinha e Moreno, que foram descobertos há poucos anos, residindo em Minas, pelo pesquisador João de Souza, que escreveu um livro sobre o casal, considerados os últimos cangaceiros do grupo de Lampião. Ambos, Moreno e Durvinha já faleceram, mas deixaram ricos relatos dos acontecimentos da época em que o cangaço era eminente e também protagonizaram um documentário que tem sido projetado no Brasil e no mundo.

Vale salientar que a falecida ex-cangaceira Durvalina Gomes, a Durvinha, como era conhecida no cangaço, é mais uma das que compõem a lista das mulheres que saíram das terras pauloafonsinas para se juntarem aos cangaceiros que percorriam os sertões da Bahia.

A cultura que se estabelece com a exploração histórica do lugar, também tem lugar nas diversas expressões artísticas possíveis, tais

como as apresentações da APDT- Associação Pauloafonsina de Dança e Teatro, companhia artística da cidade que, em diversas apresentações, traz como tema Lampião, Maria Bonita, o cangaço e o sertão. Essa companhia teatral, conforme relatos da diretora Dolores Moreira, fez um estudo aprofundado, não só nas falas e cenas do cangaço, mas também nos objetos e indumentárias dos cangaceiros, que, em suas peças, retratam perfeitamente todos os detalhes das roupas, utensílios e o falar, usados pelos cangaceiros. Estão na lista das apresentações desse grupo de teatro e dança, espetáculos ligados à temática do cangaço, como “O sertão é lindo”, “Alpercata de couro cru”, “Noite cabreira de Angico”, “Xaxado”, dentre outros.

Também, na cidade, podemos destacar um grupo folclórico tradicional, chamado de “Cangaceiros de Paulo Afonso”, que, desde 1956, percorrem as ruas da cidade encenando as batalhas com a volante e a morte de Lampião e seus cangaceiros, sempre nos dias de carnaval. Esse grupo, que apresenta a sua própria memória do cangaço, já é figura timbrada nos carnavais da



cidade e vão passando essa tradição de pai para filho.

### **Cangaço e Identidade**

Desde a colonização do Vale do São Francisco, no século XVI, passando pelo latifúndio da região da Casa da Torre, onde, a hoje, Paulo Afonso localizava-se pertencente à Garcia D'Ávila, doada posteriormente para o sertanista Paulo de Viveiros Afonso, tornou-se um pequeno núcleo de pouso de boiadas chamado “Curral dos Bois”, seguindo-se à “Tapera de Paulo Afonso”, pertencendo a Santo Antônio da Glória, Bahia. A cachoeira de Paulo Afonso, que foi visitada pelo Imperador D. Pedro II, em 1859, foi utilizada pelo pioneiro industrial do Nordeste, Delmiro Gouveia, construindo uma pequena usina para fomentar energia para sua fábrica de linhas e fios de algodão. Foi em 1945 que a CHESF-Companhia Hidroelétrica do São Francisco, em projeto de utilizar as águas da cachoeira para gerar energia, movimentou trabalhadores de vários lugares do Brasil, dando início ao que se tornaria, depois, em 1958, na já emancipada e

desvinculada de Glória, cidade de Paulo Afonso.

Para se percorrer o caminho da busca pela identidade, esse texto buscará subsídios teóricos em autores que trabalham com esse conceito, como podemos observar em Martinell, que trata das identidades culturais locais.

Algo cada vez mais importante no mundo globalizado é que as políticas culturais locais fomentam a recuperação das identidades culturais locais e territoriais. É preciso desenvolver em cada população a auto-estima, a valorização daquilo de que dispõem em termos de cultura. (MARTINELL, 2003, pag. 98.)

Ainda para fonte de busca, Stuart Hall também nos dá uma visão da importância de se perceber a identidade local como legitimação para que estes indivíduos independentemente de raça, classe e gênero, se encontrem como importantes, colocando-os como unificados numa única identidade cultural. (HALL, 2001, pg. 28)

Para Hall, como forma de percebermos o que acontece com as apropriações e aglutinações da cultura local para a global, a identidade cultural moderna que é

formada através do pertencimento a uma cultura 'nacional' e como os processos de mudança que efetua um deslocamento, que compreende o conceito de "globalização". (pag. 42)

Para fins de estudo, essa produção também se alimentou das colocações relacionadas à identidade, as quais Zigmunt Bauman nos aponta como processo de libertação e valorização das classes. Objetivando estudar os elementos dessa identidade a ser construída e mutável e dos mecanismos de formação cultural e étnico, o projeto percorrerá por caminhos de descoberta, a fim de conhecer e afirmar ações culturais, para definir a cultura local dessa cidade, em crescente potencial cultural e em momento de achados culturais.

Nesse aspecto, nos apropriamos do pensamento de Canclini, quando argumenta que o adentramento do popular nas novas tendências, através do conhecimento e utilização de expressões culturais, através das revivências e tradições, serve, não apenas para formar nações modernas, mas também *para libertar os oprimidos e resolver as*

*lutas entre as classes.* (CANCLINI, 2000, p. 209)

O processo de construção da identidade cultural, em linhas gerais, se estabelece, acima de tudo, pela busca do reconhecimento. Trata-se de determinar um patrimônio comum e difundi-lo. (FIGUEIREDO; NORONHA, 2005, p. 200)

Assim, numa tentativa de apontar bases para entender as manifestações culturais locais que buscam algo tradicional como forma de movimentar o contemporâneo, podemos apontar através da fala de Rubim (2003, p. 100), que demonstra a antiga predominância da cultura escrita tendo começado a ser impactada pela cultura da era da imagem, *em um trânsito fundamental do antigo e do tradicional para uma dimensão simbólica instalada culturalmente entre o moderno e o contemporâneo.*

Cangaço e sertão são indissociáveis. O sertão desértico, magro, das secas e dos sofrimentos. Região de uma gente de grande fé, índole pacífica, humana e piedosa. E também de um povo orgulhoso, forte e temível diante de reveses e provocações. Muito embora na concepção acadêmica de alguns

autores modernos, o banditismo rural no Nordeste seja diagnosticado como uma regressão ao primitivismo de uma subcultura ainda arcaica é incontestável que a injustiça social, fruto da ausência de um estado de direito e de um sistema arbitrário dominado pela lei do mais forte, coronéis e potentados da terra, concorreu para o surgimento e proliferação da figura do cangaceiro.

O médico e professor Estácio de Lima costumava enfatizar que nenhum cangaceiro nasceu bandido ou com vocação nata para o banditismo. Todos tiveram os seus impulsos e motivos. Ilustra que Ângelo Roque, ao ter sua irmã desvirginada por um soldado de polícia, procurou o juiz de direito da cidade e este o aconselhou que fizesse o mesmo com uma moça da família do sedutor. No dia seguinte, um tiro de rifle transformou o alegre rapaz no sombrio facínora Labareda<sup>†</sup>. O episódio evidencia o que simboliza o cangaço, na sua mais rude definição.

Atuavam no Nordeste os cangaceiros profissionais, ou sejam os bandoleiros nômades que cruzavam os sertões em todas as

direções, verdadeiras feras das caatingas; os cangaceiros policiais, que acobertados pela legalidade, vestiam-se como os bandidos, praticavam os mesmos delitos e eram impulsionados pelos mesmos sentimentos de ódio e paixão e os cangaceiros de colarinho branco, representados pelos coronéis e chefes políticos da época, como ainda hoje, os mais danosos: agiam na surdina, se arvoravam em mandatários da justiça, articulavam crimes monstruosos e sempre ficavam impunes.

Ultimamente, alguns livros contemporâneos, em caráter mais requintado, tentam desmistificar a tradicional imagem de herói sertanejo de Lampião. É o caso de “Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil” escrito pelo historiador Frederico Pernambucano de Mello. O pesquisador defende a tese do “escudo ético”, que mostra como o “rei do cangaço” e muitos outros cangaceiros utilizavam o argumento da vingança para exercer a bandidagem. Aponta que o cangaço não passava de um negócio. A

---

<sup>†</sup> Documentário Memória do Cangaço. Paulo Gil Soares, São Paulo, 1965

vingança original, com o decorrer dos tempos, foi sendo abandonada, dando lugar ao banditismo. Lampião e seus *cabras* sempre manifestaram o gosto pela ostentação.

Com a observação nas várias fotos, tiradas principalmente pelo sírio-libanês Benjamin Abraão Botto, que ousadamente percorreu os sertões em busca do cangaceiro mais temido, Virgolino Lampião e conseguiu filmá-lo e fotografá-lo, juntamente com seus grupos, no seu ambiente natural: a caatinga, pode-se perceber que essa manifestação de guerrilha e hostilidade, reserva também muita beleza, arte, cultura e poesia. Para tanto, pensou-se na apresentação do modo de vida dos cangaceiros e cangaceiras que percorriam pelos sertões, numa vida nômade, repleta de fugas, lutas contra a volante, que eram agrupamentos policiais que os perseguiam, mas também com momentos de divertimentos diversos, como festas, poesia, música, bailes, o que mostra que esse pedaço da história, muito além de só representar o banditismo, também está submerso por cultura e pelas artes.

Vestiam-se com trajes cheios de ornamentos e adereços, nos quais sobressaíam as cores vivas, chapéus imensos com enfeites de medalhas, muito ouro e prata em meio a variados signos. O chefe marqueteiro também se preocupava com a sua imagem e publicidade, deixando-se fotografar e filmar pelo libanês Benjamin Abrahão, o que colaborou para que permanecesse na memória nacional e na construção de seu próprio mito.

Algumas fotografias causaram sensação, como as em que Lampião aparece lendo livros ou revistas, em afagos com Maria Bonita e celebrando o ofício religioso para a cabroeira ajoelhada, dançando, festejando, simulando combates. Do filme original apreendido pelas autoridades, restaram apenas 15 minutos de fita. O pequeno documentário mostra cenas do cotidiano dos cangaceiros em seu ambiente natural, mas acaba sendo um vídeo que aponta o divertimento dos cangaceiros com o fato de estarem sendo filmados e fotografados.

Fugindo das paixões e dos clichês clássicos, com conteúdo mais refinado e acadêmico, algumas

publicações recentes procuram melhor reavaliar o real papel de Lampião e do cangaço. A historiadora francesa Elise Jasmin, em sua obra iconográfica “Cangaceiros”, ilustra que Lampião e seus bandoleiros, para uma parte do Brasil, encarnaram a violência de uma sociedade arcaica e a face negativa da modernidade. Já para outra parte do sertão, representaram valores como a bravura, o heroísmo e o senso de honra.

O que não se pode negar, qualquer que seja a proposição defendida, é que a violência dos cangaceiros tinha ligação intrínseca com o meio inóspito, abandonado e injusto em que viviam. Lampião, afora as atrocidades e a rede de clientelismo corrupto, ao longo de um reinado de 20 anos, combateu as forças policiais conjuntas de sete estados, derrotando-as em vários confrontos, intimidou coronéis, zombou de autoridades e governantes e desafiou o próprio poder central do Brasil, gerando, assim, o fascínio, o mito e a lenda do herói invencível, destemido e ousado.

O exótico cangaceiro criado por Lampião, com seu traje vistoso

cheio de adereços, códigos próprios, ares de imponência e liberdade, passou a exercer forte identidade cultural no Nordeste, tanto no folclore, literatura popular, poesia de cordel, canção de gesta, dança, música, além de outros segmentos artísticos. O cangaço se transformou no gênero nacional do cinema e no épico brasileiro por excelência. Hoje, Lampião e cangaço são sinônimos de turismo no Nordeste. Nunca o seu nome e sua imagem estiveram em tanta evidência em eventos festivos e culturais, roteiros turísticos, conferências e debates, novelas, séries de TV, embalagens de produtos, decorações de cenários de lojas e shoppings, etc. A cada ano, a sua vasta biografia é enriquecida com obras cada vez mais requintadas que procuram trazer novas luzes e respostas para a sua personalidade complexa e ambivalente.

Como acontece anualmente, no dia 28 de julho, na gruta do Angico, celebra-se uma missa de ação de graças em memória de Lampião. Por ironia, no local em que ele tombou com Maria Bonita e outros companheiros, foi erguido um lúgubre marco de ferro pelo seu carrasco, o Tenente João Bezerra.

Aquele mesmo oficial que consentiu ou mandou decepar a sua cabeça, deixou o seu corpo insepulto para os urubus e rapinou o seu espólio. Todavia, assim como outros personagens intrigantes da história,

o espectro do “rei do cangaço” permanece vagueando pelas caatingas e muito bem vivo na mente do nordestino, especialmente do sertanejo.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ARAÚJO, Antonio Amaury Corrêa de. **Gente de Lampião: Dadá e Corisco**. São Paulo: Traço Editora, 2003.

ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de; FERREIRA, Vera. **De Virgolino a Lampião**. Idéia Visual, São Paulo, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves, Myriam Ávila. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2000

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Identidade nacional e identidade cultural**. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org). Juz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Tradução; Adelaine La Guardia Resende... [et all]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

JASMIN, Élise. **Cangaceiros**. São Paulo. Terceiro Nome, 2006.

LIMA, João de Souza. **Lampião em Paulo Afonso**. Edição do Autor. Paulo Afonso - BA, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Trajetória guerreira de Maria Bonita, a rainha do cangaço.** Paulo Afonso: Fonte Viva, 1ª Ed. 2005.

LIMA, Rubervânio Cruz. A representação de Maria Bonita no cordel e na xilogravura. In: MARQUES, Juracy; LIMA, João de Sousa. **Maria Bonita: diferentes contextos que envolvem a vida da Rainha do Cangaço.** Paulo Afonso, BA Fonte Viva. 2010.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol.** Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1985

RUBIM, Antonio Albino Canela. **Cultura, política e mídia na Bahia contemporânea.** Bahia Comunicação&Política. Salvador: n. 1. p. 93-155, 2003.

SEIDEL, Roberto Henrique. **Embates simbólicos: estudos literários e culturais.** Recife: Bagaço, 2007.

ZAIDAN FILHO, Michael. **O fim do Nordeste & outros mitos.** São Paulo: Cortez, 2001.